UNIVERSIDADE ABERTA

**E-FÓLIO B**

Nome: António José Estêvão Cabrita  
Número: 1002404  
Turma: 01

Licenciatura em Ciências de Informação e Documentação

**ARTE DO OCIDENTE EUROPEU**

Docente: Dr. Pedro Flor

Dezembro 2011

O barroco surge como um estilo artístico na transição do século XVI para o XVII e se prolonga até finais deste. Reflecte-se não apenas como o apogeu do classicismo, pelas formas exageradas e muitas vezes exuberantes, criando cenários teatrais, em que os artistas consagrados são disputados por monarcas, bispos e cardeais, o que os liberta em termos criativos. A arte é também utilizada como forma propagandística para afirmação e sublimação do regime político e também pela Igreja Católica como reacção à Reforma, que se decide entre 1545-1563 com a Contra-Reforma, o que causa guerras extenuantes entre quase todos os países da Europa. Em França, sob a influência meridional da Itália católica e a norte pelos países protestantes, o estilo barroco é menos acentuado, nas diversas artes, que se desenvolvem na base do absolutismo de Luís XIV (1638-1715), do poder e influência da Igreja e das riquezas geradas através do mercantilismo decorrente da exploração dos novos territórios.

Em França Luís XIV, na segunda geração de absolutistas – apoiados por uma Igreja forte e influente - tinha como primeiro-ministro um cardeal, tal como o seu antecessor - assume o governo em 1661 reforçando o seu autoritarismo, cria um corpo de exército permanente e, por meio da necessidade de organização administrativa, para uma eficiente recolha de impostos, para, entre outros, fazer face às despesas de guerra[[1]](#footnote-1) e de controlo de revoltas quase permanentes, surge um Estado administrativa e militarmente organizado[[2]](#footnote-2).

O mundo deixara de ser plano e desconhecido. Com a expansão das rotas marítimas e com o mercantilismo, que explora e negoceia as riquezas das colónias ultramarinas, contrastando com um povo cada mais pobre, vê emergir uma burguesia e uma aristocracia ricas e influentes, contudo, sem poder.

Uns e outros exacerbam-se através das artes, contratando os mais prestigiados mestres para que se executem as obras mais fascinantes. Os artistas, livres para criar essas mesmas obras, dão largas à sua criatividade e perícia ao inovarem na libertação das formas pela utilização de técnicas baseadas na cor, na luz e no movimento, tal como Bernini, também ele chamado à corte de Luís XIV, nos deixou nas esculturas[[3]](#footnote-3) de *David* e em o *Êxtase de Santa Teresa.* Todavia, obedecem ao classicismo herdado do Renascimento mas mais humanista, autêntico e em harmonia entre o céu e a terra em momentos de absoluta glória. As obras tinham um resultado teatral tal como a corte, numa cultura que lhe era própria, entretanto reunida e instalada, sob a vigilância permanente do monarca, num dos maiores palácios construídos até hoje: o palácio de Versalhes (1669-1685)[[4]](#footnote-4); de dimensões e ostentação nunca vistas, cuja sobriedade acentuada pela repetição de algumas das formas clássicas, como colunas e estatuária, *transmitem o poder de Luís XIV e reflectem a sua filosofia absolutista*[[5]](#footnote-5)*,* mais notável assim e, através da arquitectura, visível a todos.

Reis e príncipes por toda a Europa construíram palácios igualmente grandiosos e sumptuosos. As cortes na Europa, da Rússia a Espanha, viram-se culturalmente e artisticamente afrancesadas. Por seu turno, a Igreja Católica com o movimento da Contra Reforma aumentava o mecenato influenciando também todos os campos artísticos.

Por esta via, monarcas e Igreja se apercebem do papel propagandístico das artes, como forma de manter os seus súbditos como aliados e fiéis seguidores da ordem instaurada, inscrevendo-as na sua política absolutista e evangelizadora.

Assim, através de uma organizada, e cada vez mais complexa, estrutura administrativa, a par da colecta de impostos e da riqueza, a arte, é financiada e utilizada no período barroco como medida da necessidade de coesão nacional e de controlo governativo, militar e religioso, utiliza formas e dimensões exageradas onde monarcas e Igreja exibem o seu poder, a sua divindade, servindo também de suporte à memória individual e colectiva.

**Bibliografia**

BARRAL I ALTET, Xavier. *HISTÓRIA DA ARTE.* Lisboa: Edições 70, 2011.

DAVIES, Penelope [et al.]. *A nova história da arte de Janson : a tradição ocidental.* 9. FCG, 2010.

GOMBRICH, E.H. *A HISTÓRIDA DA ARTE.* 2. Lisboa: Público, 2006.

*Historia del Arte Universal VIII: Barroco.* Red Espanola de Historia y Arqueologia. 2011. http://www.youtube.com/watch?v=ZZl8-RkPkT8 (acedido em 2011-12-11).

KEMP, Martin. *HISTÓRIA DA ARTE NO OCIDENTE.* 3144. Lisboa: Verbo, 2006.

*O Barroco [DVD].* Vol. 7. Lisboa: Trisan, 2003.

*O Renascimento [DVD].* Vol. 6. Lisboa: Tristan, 2003.

*Palácio de Versalhes - França.* ARGS VÍDEO PRODUÇÕES. 2006. http://www.youtube.com/watch?v=Ygmt4WTsW3E (acedido em 2011-12-11).

SCHWANITZ, Dietrich. *Cultura : Tudo o que é preciso saber.* 13. Dom Quixote, 2010.

P 418 (1988)

NP 3715 (1989)

NP 4285-3 (2000)

NP 4285-4

|  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- |
| **Item Notas** | **Área** | **Nota** | **Percentagem** | **A suas opiniões** |
| [[Trabalho](http://www.moodle.univ-ab.pt/moodle/mod/assignment/grade.php?id=1659481)E-fólio B](http://www.moodle.univ-ab.pt/moodle/mod/assignment/grade.php?id=1659481) | Avaliação electrónica | 3,50 | 87,50 % | O e-fólio B revela bons conhecimentos da matéria em estudo. A centralidade de Paris e de Versalhes podia talvez ter sido mais sublinhada. |

1. Guerra dos Huguenotes (1562-1598), dos Trinta anos (1618-1648) [↑](#footnote-ref-1)
2. SCHWANITZ, 2010: 136 [↑](#footnote-ref-2)
3. DAVIES, 2010: 700-701 [↑](#footnote-ref-3)
4. DAVIES, 2010: 762; Gombrich (2006:447) indica os anos de construção de 1660 a 1680. [↑](#footnote-ref-4)
5. DAVIES, 2010: 771 [↑](#footnote-ref-5)